



MOSAIC: FERTILIZANDO O CAOS EM ROSÁRIO DO CATETE

ÁGUA MINERAL É SÓ PARA VISITA



Enquanto alguns fazem turismo às quintas e outros distribuem água com gás nos escritórios refrigerados, a base operária da Mosaic Fertilizantes em Rosário do Catete amarga um verdadeiro sertão de respeito. Chegaram até nós, do Sindicato dos Trabalhadores da Mineração, relatos que beiram o inacreditável – não fosse o histórico de descaso já conhecido por todos que carregam o capacete e suam de verdade.

Se você for um visitante ilustre ou ocupar um cargo com ar-condicionado e cargo de confiança, é bem provável que seja agraciado com água mineral (com ou sem gás, a gosto). Já os trabalhadores de CTV? Que tragam suas garrafinhas de casa, porque a água que escorre das torneiras – dizem – é tão rica em cálcio e cloro que poderia ser confundida com um experimento químico. A cereja do bolo é que, em dias de visita, caixas térmicas com água cristalina se espalham em CTV. Acabou a visita? Acabou a água. Parece roteiro de comédia de mau gosto. E não para por aí. Desde o dia 29/05, a bomba do spray central está parada, comprometendo ainda mais o controle de temperatura no subsolo. Na ausência do sistema de refrigeração, “a tanajura desbocada da mina” chegou a aferir 34,7 IBUTG no painel H9E – um dos mais próximos da entrada. Imagine então como está a situação nos painéis mais profundos. Um forno



saber da água do peão que esta lá embaixo. Painel quente dá mais sede. A senhora sabia?

subterrâneo. E para completar o combo da negligência, os trabalhadores seguem sem acesso a água potável dentro da mina. Nenhuma medida paliativa foi tomada. Nenhuma ação imediata. A gestão assiste de camarote enquanto os peões derretem. **A TANAJURA DESBOCADA** quer saber de temperatura, mas procure também



ZOOLÓGICO DE TERROR ADMINISTRATIVO

O setor de RH da Mosaic CTV parece ter deixado de lado qualquer intenção de representar um elo entre empresa e trabalhador. Hoje, o que temos é um verdadeiro zoológico de terror institucionalizado. No centro das ações mais questionáveis está algo pré-histórico, cuja conduta é marcada por estratégias repetitivas de desvio de responsabilidade e abafamento de denúncias. Quando a situação é simples, transfere-se para outra unidade. Quando é grave, enterra-se em silêncio. E quando envolve nomes do grupinho de confiança, o sumiço das informações é automático. O resultado é uma gestão de pessoas onde o ruído é regra, a omissão é prática e o respeito ao trabalhador virou animal em extinção. E os relatos continuam chegando. A coisa pré-histórica parece ter feito carreira não em recursos humanos, mas em relações desumanas. De humana, sua gestão não tem nada. Quando surgem denúncias graves – e não são poucas – o procedimento padrão é um só: abafar tudo. E com o av-



al do turista, é claro. Um exemplo escandaloso foi o caso do coordenador de PCM. Acusado de racismo, machismo e abuso de poder, ele humilhou colegas e perseguiu funcionários abertamente. Disse, em reuniões, inclusive na presença de lideranças, que a pessoa só foi contratada pela Vale por ser preta e mulher. Nada aconteceu. Silêncio institucional. Omissão estratégica. Outro nome que circula nos relatos é o fantasma do EHS. Nunca aparece em campo, mas sempre está pronto para ameaçar. Acusações de assédio se acumulam, mas, adivinhe? Nada aconteceu também. A coisa pré-histórica protege, arquiva e orienta a resolver “internamente”, ou seja: silenciosamente. Porque segundo ela, denúncias formais a expõem com o pessoal de fora. Ou seja, proteger a própria imagem é mais urgente que proteger o trabalhador. Ah, e quando o problema é o plano de saúde? A resposta é: ligue pro canal. O RH terceirizado emocionalmente. O trabalhador sofre, e a coisa pré-histórica orienta procurar atendimento eletrônico. Que recursos humanos são esses que não olham nos olhos nem ouvem as vozes de quem sustenta a empresa?

GERÊNCIA DAS CAVERNAS

Se o RH já é uma comédia trágica, a operação, por sua vez, mergulhou num verdadeiro filme de terror. Com a chegada da nova gestão, o que se viu foi um processo contínuo de deterioração do ambiente de trabalho. Não bastasse o autoritarismo, a nova condução simplesmente lasca com tudo: com as rotinas técnicas, com os procedimentos de segurança, com o clima organizacional – e principalmente, lasca com os trabalhadores. A figura que hoje ocupa a cadeira da gerência operacional parece ter vindo de algum laboratório de experiências frustradas em gestão. Arrogante, inapto tecnicamente e completamente alheio à realidade da mina, passa os dias em sua sala – dizem – ora dormindo, ora escutando conselhos de dublê de supervisor (voltando a atuar na série The Office CTV, em sua nova temporada), personagem notório na unidade por sua habilidade política de bastidores e por sua coleção de promessas vazias. Não há espaço para diálogo com a base: nem um bom dia. O trabalhador é tratado como fardo, como número, como incômodo.

Sua obsessão pela produção é tamanha que tenta, a todo custo, desfigurar o intervalo da Mina, mesmo com a mina em condições precárias e sem estrutura básica como água gelada. Os trabalhadores do V20, por exemplo, foram pressionados a retornar ao trabalho às 12h10, com a promessa de uma gaiola que nunca chegou no tempo. Quando questionado, o gerente afirma que o trabalhador não está dando seu máximo. O respeito, definitivamente, não desce pra galeria. E quando surgem os chocos? Em vez de reforçar segurança, a ordem é cortar hora da mecânica de rochas para não estourar a meta mensal. Choco em eixo de acesso, operação arriscada, tirantes em cima de instabilidade — tudo em nome do número. Isso não é gestão. Isso é terrorismo corporativo. E como se não bastasse, ainda tentou insistir na retomada do painel TQ1, mesmo depois de encerrada sua lavra, apenas para inflar os gráficos da produção. Com inclinações perigosas, carnalita exposta e riscos evidentes, empurrou a equipe a operar em um cenário de colapso anunciado. E ao final, ainda culpa a operação, dizendo que o pessoal não sabe operar.



E, como se todos os alertas anteriores fossem insuficientes, ainda paira sobre os prolongamentos um problema estrutural gravíssimo: o número de trabalhadores supera a capacidade das câmaras de refúgio instaladas. Não se trata de suposição sindical ou dramatização de corredor — trata-se de apontamento oficial feito pela própria Agência Nacional de Mineração (ANM). Apesar disso, a reação da ges -

ão tem sido... o silêncio. Um silêncio estratégico, diga-se, que parece considerar a segurança um mero detalhe operacional. No comando desse cenário, está um gerente que, curiosamente, exige respeito sem jamais exercê-lo. Passa pelos trabalhadores sem cumprimentar, circula como se estivesse acima da realidade subterrânea, e insiste em afirmar que "a operação não sabe operar". Ironia maior não há, vinda justamente de quem demonstra tanta dificuldade em administrar com técnica, escuta e responsabilidade.

É UMA PALHAÇADA, EXAMES PERIÓDICOS: UM TEATRO DE UM MINUTO

E como se tudo já não estivesse suficientemente fora dos trilhos, os relatos sobre os exames periódicos de saúde realizados na unidade beiram o escárnio. A avaliação médica, que deveria zelar pela integridade física dos trabalhadores da mina, virou uma encenação burocrática que mal dura um minuto. Isso mesmo: sessenta segundos entre entrar e sair da sala, sem qualquer escuta, sem qualquer exame efetivo. A médica responsável sequer utiliza jaleco — item básico de qualquer atendimento clínico — o que reforça o caráter improvisado e descompromissado do processo. O trabalhador é tratado como peça em linha de produção: carimba, libera e segue o próximo. O que deveria ser uma consulta se resume a um cruzar de olhares apressado e um "tudo certo?". Esse tipo de prática não apenas banaliza a saúde ocupacional como coloca em risco a segurança coletiva de CTV. Quem fiscaliza? Quem cobra? A saúde do trabalhador não pode ser tratada como número em planilha.



Hidratar trabalhador não é favor. Garantir segurança não é gentileza. E respeito, meus caros, não é brinde de evento corporativo. O Sindicato seguirá vigilante, combativo e, acima de tudo, ao lado de quem realmente sustenta essa empresa debaixo da terra.



ATENÇÃO

SINDICATO NÃO É FIGURANTE NESTA HISTÓRIA

Diante desse circo de horrores, o Sindicato está tomando providências. A empresa será notificada formalmente para prestar esclarecimentos, e exigiremos a presença da Superintendência Regional do Trabalho, da ANM e do MPT, porque já passou da hora do show acabar e a seriedade começar.

DENUNCIE!

Se você também vive alguma situação absurda em qualquer área de CTV, procure o Sindicato. Aqui, sua voz tem vez, tem eco — e tem luta. Sindicato dos Trabalhadores da Mineração: onde termina o silêncio, começa a resistência

WWW.SINDIMINASE.COM.BR



JUNTOS, SOMOS MAIS FORTES E MAIS PROTEGIDOS

